

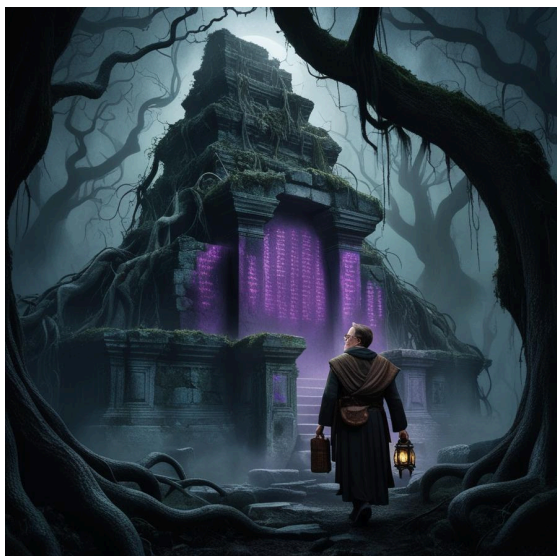
## Sob as Sombras de Arton: O Abismo de Valkaria

Nas profundezas da noite de Arton, onde o véu da realidade é tão tênue quanto a própria mortalidade, há horrores que nem os maiores heróis poderiam enfrentar. Fui levado a essa crença por uma sucessão de eventos que, mesmo agora, me deixam hesitante em transcrever. Porém, a necessidade de alertar outras almas desafortunadas me empurra a escrever, apesar do terror que lateja em cada célula de meu ser.

Tudo começou nas desoladas fronteiras da cidade de Valkaria, onde a presença esmagadora da colossal estátua da deusa, com seus olhos silenciosos e inabaláveis, parece vigiar a ruína e o desespero abaixo. Eu, Merion Valdrick, um simples erudito sem a coragem dos paladinos ou a destreza dos ladrões, fui chamado para investigar estranhos eventos nas terras distantes, mais precisamente em uma vila nos arredores da Floresta dos Espinhos.

Os camponeses sussurravam sobre sombras em movimento, formas que deslizavam sob a lua crescente, e sussurros incompreensíveis no vento. O desespero tomou conta da população, pois seus números diminuía à medida que cada noite passava, e corpos eram encontrados desfigurados, com olhos arregalados em terror absoluto. Com minha mente repleta de relatos sobre horrores antigos de Tormenta, eu já pressentia que nada de mundano poderia explicar tamanha aflição.

Quando cheguei à vila, um miasma pútrido, uma essência estranhamente familiar, saturava o ar, como se a própria Tormenta se insinuasse nos limites do nosso plano. A sensação de algo além do tempo e do espaço se apoderou de mim. Os olhos dos aldeões refletiam o horror daquelas noites intermináveis, mas nenhum ousava revelar detalhes além de murmúrios desconexos. Senti a presença de algo observando, algo que, nos cantos de minha mente, eu sabia que não deveria procurar.



Foi no crepúsculo do quarto dia que encontrei os primeiros sinais tangíveis do horror. Ao explorar as ruínas de um antigo templo, escondido no coração da floresta, deparei-me com inscrições desgastadas nas línguas arcanas de eras passadas. Aquelas palavras não eram conhecidas, mas, de algum modo, a sonoridade delas vibrava com uma ressonância

sombria, ecoando em minha alma. As palavras pareciam sussurrar um nome esquecido há muito tempo: **Zsharoth**, o Dorminhoco, uma entidade que a história de Arton havia apagado por razões que logo seriam reveladas

Zsharoth, como pude entender nas poucas horas de lucidez que me restam, é uma entidade além da compreensão humana, anterior à criação dos próprios deuses, nascida das trevas além dos planos. Uma força que desafiava a própria sanidade dos heróis e mortais de Arton. Não era a Tormenta que envenenava aquelas terras, mas algo muito mais antigo e perverso. Uma força esquecida pelos deuses, trancada em esferas muito além do alcance dos homens e elfos, que agora sussurrava novamente para aqueles com ouvidos para ouvir.

Naquela noite fatídica, fui levado ao coração do horror. Guiado por vozes que se infiltravam em meus pensamentos, caminhei até o centro de uma clareira cercada de árvores mortas e, sob a luz macabra da lua cheia, vi o indescritível. Uma forma colossal, algo que não deveria existir, emergia do chão como se a própria terra estivesse corrompida por sua presença. Era uma massa disforme de tentáculos, olhos impossíveis, e bocas gotejantes de uma substância negra e imunda. Zsharoth, em toda a sua horrível majestade, estava desperto.



Minha mente quebrou-se ao vê-lo, fragmentos de realidade escorrendo como areia entre meus dedos. Eu ouvi sussurros em línguas antigas que prometiam poder e conhecimento em troca de servidão eterna. Meu corpo, paralisado pelo medo, não conseguiu resistir. O

monstro me observava, suas bocas cantando uma melodia infernal, e eu soube que, ao contrário da Tormenta que destrói o corpo e a alma, Zsharoth destrói algo mais profundo — a própria realidade.



Fugi, mas sei que ele me marcou. Sua presença me acompanha nas sombras, e a cada noite sinto sua aproximação. Não há escape deste horror, pois os sonhos que me visitam não são meus. Sei que, eventualmente, serei apenas mais uma vítima entre os incontáveis corpos mutilados pelas criaturas que servem ao Dorminhoco.

Se algum infeliz encontrar este relato, saiba que não há salvação. A Tormenta é uma benção comparada ao horror que Zsharoth traz. Reze, mas mesmo os

deuses podem não ouvir. Pois sob as sombras de Valkaria, algo muito pior que os piores pesadelos de Arton espreita — e ele está apenas começando a despertar